

Fervur rumantscha!: A experiência de um ateliê de tradução poética do romanche para quatro línguas latino- americanas

Vitor Alevato do Amaral

Vitor Alevato do Amaral é carioca, professor de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal Fluminense e líder do grupo de pesquisa Estudos Joycianos no Brasil. É vice-coordenador do POSLIT/UFF (2022-2025). Organizou e traduziu *Outra poesia* (Syrinx, 2022), que reúne os poemas da juventude e os poemas de ocasião de James Joyce, e participou da tradução coletiva de *Finnegans Wake* (Iluminuras, 2022). E-mail: vitoramaral@id.uff.br

RESUMO

Este artigo apresenta o projeto de tradução Fervur rumantscha! Atelier online da translaziun poetica (Fervur rumantscha! Ateliê online de tradução poética). Durante as sessões do ateliê, diversos poemas escritos por oito poetas suíças em três variedades de romanche foram traduzidos para o espanhol, o português, o quíchua (Equador) e o tzotzil (México) por vinte e cinco tradutores latino-americanos. Este relato de experiência pretende ser parte da memória desse projeto inovador de iniciativa do programa Looren América Latina, que é parte da Casa de Tradutores Looren, na Suíça. As traduções realizadas durante o ateliê são consideradas ex-cêntricas (feitas da periferia ao centro linguístico ou entre duas periferias linguísticas).

Palavras-chave: *Tradução de poesia romanche; línguas da América Latina; língua romanche.*

Introdução

Cinco línguas estão envolvidas neste inovador projeto de tradução chamado Fervur rumantscha! Atelier online da translaziun poetica (Fervur rumantscha! Ateliê online de tradução poética). São elas espanhol, quíchua, português, romanche e tzotzil.

A iniciativa é do programa Looren América Latina, que é parte da Casa de Tradutores Looren, na Suíça. O projeto reuniu oito poetas suíças que escrevem em três variedades de romanche — vallader, puter e sursilvan — e vinte e cinco tradutores latino-americanos, que traduziram uma seleção de poemas para o espanhol, o português, o quíchua (Equador) e o tzotzil (México).

A organização do ateliê Fervur rumantscha! coube ao programa Looren América Latina, apoiado pela Fundação suíça para a cultura Pro Helvetia América do Sul, Lia Rumantscha e Textshuttle, uma *start-up* e ferramenta de tradução automática com base em redes neurais. Além disso, outras instituições e grupos de pesquisa se envolveram de alguma forma no projeto.

O objetivo deste artigo é constituir um relato da experiência que envolveu ao menos quarenta pessoas, entre poetas, tradutores, organizadores

e consultores, com o intuito de divulgar o projeto, incentivar iniciativas semelhantes, apresentar a forma de trabalho do ateliê e demonstrar a importância da tradução poética para o contato entre os seres humanos e para a própria criação poética.

O presente artigo expressa as opiniões do autor e não de todos os participantes do ateliê.

Porque o romanche

Em primeiro lugar, o grande assombro que a maioria dos participantes tiveram já nos ateliês abertos de 2023, foi descobrir que não existe propriamente *um* romanche, mas cinco variedades de romanche: vallader, puter, sursilvan, sutsilvan e surmiran, além de subvariedades. Existe, ainda, o rumantsch grischun, uma variedade não falada da língua criada em 1982 para a escrita, principalmente de documentos oficiais, já que, em nível federal, desde 1996 a Suíça é um estado quadrilíngue e o romanche é uma das suas quatro línguas oficiais, ao lado do alemão, francês e italiano.

Falado por apenas sessenta mil habitantes da Suíça, o romanche é a língua, ou uma das línguas, de menos de 1% da população do país. Geralmente, quem fala romanche também fala uma das outras três línguas, mas o contrário não é verdade. Por isso, o romanche é uma língua minoritária que requer cuidados para que não desapareça.

A principal organização que atua na promoção e preservação do romanche é a Lia Rumantscha, fundada em 1919. Sua “visão”, como dizem, é a que de “futuras gerações ainda falarão romanche com prazer”. Ela atua como uma liga de diversas organizações de promoção do romanche em todas as suas variedades. A Lia Rumantscha se localiza em Cuira¹, capital do Cantão dos Grisões, onde vive a maior parte dos falantes do romanche. As dependências da liga abrigam a Chasa Editura Rumantscha, uma editora voltada para a publicação de obras em romanche.

A RTR (Radiotelevision Svizra Rumantscha), também situada em Cuira, existe desde 1925 com programação inteiramente em romanche. O programa “Impuls”, da RTR, conta “istorgias vairas u bain inventadas. Texts leghers, poetics, trists, experimentals, meditativs, critics e savens cun ina punta persunala.” (histórias verídicas ou bem inventadas. Textos engraçados, poéticos, tristes, experimentais, meditativos, críticos e muitas vezes com um toque pessoal”). Ele é editado por Flurina Badel, uma das poetas traduzidas no ateliê. Outras poetas que participaram do ateliê também podem ser lidas e ouvidas nesse programa.

1 Para dar aos leitores uma noção da diversidade do romanche, *Cuira*, em rumantsch grischun, pode aparecer como *Cuera* (sursilvan), *Cuoira* (vallader), *Coira* (surmiran), *Cuera* ou *Cuira* (sutsilvan).

É o caráter minoritário dessa língua que nos autoriza a entender a tradução de poesia romanche para línguas latino-americanas como um caso de tradução ex-cêntrica, ao menos no que tange ao português e ao espanhol, línguas faladas respectivamente por cerca de 270 e 600 milhões de pessoas, a maioria deles fora de Portugal e Espanha. Essa tradução parte de uma periferia linguística para um centro linguístico, ainda que estejamos falando da tradução da língua de um país desenvolvido para as variedades do português e do espanhol faladas em países em desenvolvimento. O presente artigo, com esse olhar, desafia a noção segundo a qual a tradução “ex-cêntrica”, feita no sentido periferia centro e não no sentido centro periferia, como é mais comum, seja apenas aquela cuja língua-alvo está no centro do mundo econômica e politicamente pensado e a língua-fonte, na sua periferia. Por exemplo, uma tradução da Suíça para o Brasil tende a ser vista como cêntrica, pois valoriza, põe no centro aquele país europeu desenvolvido. No entanto, se olharmos para um caso como o de uma tradução de uma *língua* suíça, pouco falada e traduzida, para uma *língua* brasileira, incomparavelmente mais falada e traduzida, a leitura se inverterá: o português passará ao centro e o romanche à periferia. Trata-se de perceber o que é centro *linguístico* e o que é periferia *linguística*. No caso do romanche, na sua relação com o quíchua e o tzotzil, temos traduções entre periferias linguísticas, que ainda consideramos ex-cêntricas.

No Fervur rumantscha! foram realizadas, portanto, traduções ex-cêntricas, pois valorizam o que, nesse caso específico, podemos considerar periférico. O exemplo da tradução do romanche ao português traz ainda a nuance de ser uma excentricidade na ex-centricidade das traduções, pois não é um caso como a da tradução do português brasileiro ao francês da França, em que soa “natural” pensar a ex-centricidade da tradução da língua de um país periférico, que não superou até hoje seu passado colonial, à língua de um país central. Na tradução do português ao francês, Brasil e França são, de saída, periferia e centro; na tradução do romanche ao português, Suíça e Brasil, são, ao primeiro olhar, centro e periferia. O caso em tela rompe politicamente com toda a “naturalidade” ao transformar a periferia em centro.

O ateliê

O projeto Fervur rumantscha! foi concebido pela tradutora argentina Carla Imbrogno, representante do programa Looren América Latina. Teve início em 2023 com dois ateliês-piloto, amplamente divulgados e abertos a todas as pessoas interessadas, de qualquer parte do mundo. A tradutora argentina Martina Fernández Polcuch esteve com Imbrogno à frente dessa experiência. Foram dois encontros de duas horas e duas horas e meia de duração cada um, nos dias 19 e 21 de outubro de 2023.

Rica Valär, professor da Universidade de Zurique e importante pesquisador da língua e do patrimônio cultural romanche e dos movimentos reivindicatórios das línguas românicas minoritárias da Europa, participou do primeiro encontro como figura de referência e ofereceu uma introdução rápida à história da língua. A gravação da íntegra do primeiro dia do encontro está disponível no canal de YouTube da Casa de Tradutores Looren com o título “Fervur Rumantscha! Workshop de introducción a la lengua, cultura y literatura romanche”. Já estava conosco Sidonia Klainguti, que se tornaria peça fundamental para o futuro ateliê de 2024.

Nesses dois encontros experimentais, carregados, de parte das organizadoras, de um certo temor de fracasso, que se mostraria completamente infundado perante o sucesso da experiência, foram traduzidos coletivamente os poemas “Vanitas”, de Dumenic Andry, e “Illas nots”, de Leta Samadeni, ambos escritos em vallader. Os falantes de português e espanhol dividiram em duas salas e reuniram-se novamente na sala principal para a leitura e discussão das traduções. Não havia qualquer ambição de se chegar a traduções consensuais entre os mais de 220 pessoas participantes, de 23 diferentes países (Alemanha, Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Bulgária, Canadá, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Gana, Guatemala, Itália, México, Peru, Polônia, Reino Unido, Suíça, Uruguai). O objetivo era revelar, por meio de um exercício poético, as belezas da língua romanche, e com isso demonstrar que sua sonoridade, plasticidade, polissemia e ecos benjaminianos com outras línguas neolatinas — como francês e italiano, conhecidas em diferentes graus por todos os participantes, falantes, principalmente, de português ou espanhol — tornavam a tradução do romanche não só possível como também poética e humanamente necessária.

Diante do êxito do projeto-piloto de 2023, nasceu o projeto Fervur rumantscha! Atelier online da translaziun poética, iniciado em 2024. Sua equipe é formada por Martina Fernández Polcuch e Prisca Agustoni, coordenadoras do ateliê; Jessica Zuan, Rico Valär, Sidonia Klainguti e Ignacio Pérez Prat, assessores para assuntos linguísticos; Vitor Alevato do Amaral, colaborador; e Carla Imbrogno, coordenadora geral do projeto.

Fervur rumantscha! contou com a divulgação feita pelo Núcleo de Tradução e Criação (Universidade Federal Fluminense), Escuela de Otoño de Traducción Literaria “Lucila Cordone” (Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas Juan R. Fernández), Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Tradução e Criação Literária (Universidade Federal de Juiz de Fora), Universidade de Zurique, e embaixadas da Suíça na América Latina.

Foi realizado um processo seletivo que terminou por compor um grupo de vinte e cinco tradutores latino-americanos, alguns dos quais poetas em suas línguas, sem conhecimento prévio da língua de partida. Eles passaram por uma verdadeira imersão intensiva na língua romanche. O projeto demandou

a participação de assessores linguísticos e os tradutores realizaram um esforço de aprendizagem autodidata facilitado pelo uso de ferramentas e dicionário online, além da intercompreensão das línguas neolatinas, que muitas vezes estimulou-os a lançar mão da tradução indireta.

Seus nomes se encontram no Quadro 1. Cada uma das oito poetas cedeu alguns de seus poemas para as traduções.

Elas também participaram do ateliê em alguma oportunidade, conversando com os tradutores, falando de suas experiências de escrita, e, portanto, participando ativamente das traduções. Elas são todas pessoas de destaque na cena literária da Suíça romanche. Como a variedade do romanche em que a poesia tem se mostrado mais pujante é o vallader, não é acaso que cinco das oito poetas convidadas a participar do projeto escrevam nessa variedade.

Os encontros do ateliê ocorreram de acordo com o seguinte cronograma e divisão de atividades:

Quadro 1: Estrutura do ateliê

1	2 de mar., 180’	Introdução	
2	9 de mar., 180’	Poetas Rut Plouda (1948–) (vallader) Carin Caduff (1988–) (sursilvan)	Tradutores/as Ariel Dilon (Argentina) Neva Micheva (Bulgaria, espanhol) Sebastião Nascimento (Brasil) Isabel García (Venezuela) Juan Felipe Varela (Colômbia) Sofia Mariutti (Brasil)
3	22 de mar., 150’	Poetas Flurina Badel (1983–) (vallader) Nina Dazzi (1961–) (puter)	Tradutores/as Fernando de Leonardis (Argentina) Rodrigo Tadeu Gonçalves (Brasil) Xun Betan (México, tzotzil) Horacio Fabio Maez (Argentina) Solange Pinheiro (Brasil)
4	23 de mar., 180’	Poetas Leta Samadeni (1944–) (vallader) Romana Ganzoni (1967–) (vallader)	Tradutores/as Indira Díaz Hernández (México) Rafael Díaz (Espanha) Claudia Cavalcanti (Brasil) Luiza Lima de Matos (Brasil) Rafael Segovia (México) Camila Fadda (Chile) Guilherme Machado (Brasil)

5	5 de abril, 180'	Poetas Gianna Olinda Cadonau (1983–) (vallader)	Tradutores/as Yana Lema (Equador, kichwa) Lucía Dorin (Argentina) Vitor Alevato do Amaral (Brasil) Juliana Gonçalves (Brasil)
		Conversa musical com Ignacio Pérez Prat	
6	6 de abril, 180'	Poetas Jessica Zuan (1984–) (puter)	Tradutores/as Laura Wittner (Argentina) Juan Carlo Cavillo (México) Andrea Kahmann Brasil)
		Discussão final e leitura de poemas	

Houve, também, um encontro preparatório ao ateliê que consistiu na introdução a aspectos da gramática do romanche vallader e puter, no dia 21 de fevereiro de 2024. Esse encontro, liderado por Sidonia Klainguti, ensejou a elaboração de uma brevíssima gramática do romanche para uso do grupo. Esse material foi elaborado por Klainguti em diversas etapas e sua revisão para o espanhol e o português foi feita por Polcuch e pelo autor deste artigo.

Além da síntese gramatical acima mencionada, os participantes do ateliê tiveram acesso a dicionários online gratuitos e à versão paga da ferramenta de tradução da empresa Textshuttle. Cada uma das oito poetas gravou a leitura dos poemas que seriam traduzidos, de forma que todos os tradutores puderam perceber o ritmo — ao menos um dos ritmos possíveis — dos poemas em romanche.

Os tradutores trabalhavam sozinhos ou em parcerias e suas traduções eram carregadas para um arquivo online que, no dia, era aberto e compartilhado com todos para que as traduções pudessem ser lidas e discutidas pelos participantes, incluindo a própria poeta traduzida. Essa experiência confirma o sucesso das traduções colaborativas, em que todos de fato trabalham para o resultado, diferentemente das traduções coletivas, em que cada tradutor realiza uma parte do trabalho individualmente.

A experiência

Em vez partir da ideia pré-concebida —e insustentável tanto na prática quanto na teoria— segundo a qual antes de se traduzir é necessário *primeiro* conhecer profundamente a língua e a cultura (sem essa última palavra o lugar comum da tradução não estaria completo, afinal, como diz o *cliché*-mor da tradução, “não se traduz a língua, mas a cultura” [aqui uma pausa para o silêncio solene que faz o orador enquanto a maioria aplaude e uma minoria sente vergonha alheia]), Fervur rumantscha! apostou que a imersão, o diálogo, a audição, o erro, o tropeço, os ecos, as memórias, mas, acima de tudo, a vontade de escrever dos tradutores poderia superar o desconhecimento do romanche.

Tendo em vista a ousadia do projeto, e a julgar pelos comentários emitidos pelos participantes ao longo do ateliê, assim como seus depoimentos finais, podemos dizer que a experiência de tradução coletiva no projeto Fervur rumantscha! pode ser resumida com a força de um grito contra os preconceitos dirigidos à tradução como texto menor (até como não-texto), trabalho de aplicação técnica e a-poética. Partindo de uma relação que foi se estabelecendo com os poemas em sua tessitura e no estranhamento e no espanto diante tanto das certezas desfeitas quanto das intuições confirmadas, o conhecimento prévio da língua, sempre em busca de certezas e pautado pela busca da estabilidade, deu lugar à beleza vacilante da poesia.

Como alguns dos poemas foram distribuídos em romanche e em traduções para outras línguas, como o francês e o alemão, o trabalho, foi, em muitos momentos, poliglota. A tradução indireta, uma verdadeira ponte entre literaturas, foi diversas vezes usada. Este Autor, por exemplo, recebeu os poemas de Gianna Olinda Cadonau em romanche, francês e alemão, e pôde assim viver três experiências tradutórias diferentes ao traduzir diretamente, indiretamente e de três originais.

Os resultados e o futuro do projeto

No dia 13 de abril de 2024, o Centro de Estudos de Tradução Literária da Casa Guilherme de Almeida, em São Paulo, acolheu parte do grupo do projeto para o recital online “Fervur rumantscha!: poesia retorromana em línguas latino-americanas”, no âmbito do ciclo “De Babel a Cosmópolis”. Os participantes puderam ouvir os poemas no original nas gravações das poetas e, a seguir, nas traduções lidas ao vivo pelos tradutores.

O projeto prevê a publicação das traduções realizadas no ateliê. Esta etapa do projeto ainda não foi, todavia, concluída. É possível, também, que o ateliê de 2024 tenha uma segunda edição, mas isso ainda é incerto. Espera-se que os participantes continuem a estudar o romanche e traduzir dessa língua.

Pessoas, línguas e culturas se uniram neste projeto por meio da poesia. E, no entanto, como explicar que se fale tanto na exclusividade e peculiaridade da “linguagem poética”, tratada tantas vezes como exceção, desvio do ordinário, no normal, do natural? Neste projeto, sentimos a poesia como parte da vida, não como desvio ou exceção. A experiência nos fez pensar em Henri Meschonnic (1982), quando recusa a sacralização da poesia, a oposição entre linguagem poética e linguagem comum, o que só nega à poesia, e à sua tradução, a sua historicidade, relegando-a a algo tão especial que tem valor “meramente” estético. No ateliê Fervur rumantscha! A poesia foi dessacralizada, conectou-nos, e pudemos todos nós, poetas e tradutores, nos transformar enquanto sujeitos históricos, nela.²

2 Agradeço a Carla Imbrogno pelas sugestões e correções e a Sidonia Klainguti pela ajuda com algumas questões linguísticas. A responsabilidade pelo artigo é toda minha.

Referências

Casa de Tradutores Looren. <http://looren.net/en>

Casa Guilherme de Almeida. <http://www.casaguilhermedealmeida.org.br>

Fervur rumantscha! <http://looren.net/pt/blog-america-latina/fervur-rumantscha-atelier-online-da-translaziun-poetica-2024>

Impuls. <http://www.rtr.ch/audio/impuls>

Lia Rumantscha. <https://www.liarumantscha.ch/en>

Looren América Latina. <http://looren.net/en/further-education/looren-america-latina>

MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme. Anthropologie historique du langage*. Lonrai: Verdier, 1982.

Pro Helvetia América do Sul. <http://prohelvetia.ch/en/our-offices-abroad/pro-helvetia-south-america>

RTR. Radiotelevision Svizra Rumantscha. <http://www.rtr.ch>

VALÄR, Rico. Fervur Rumantscha! Workshop de introducción a la lengua, cultura y literatura romanche. YouTube. http://www.youtube.com/watch?v=JDc3Ul0o_TQ